
Ciência da Lógica e Sistema Filosófico

Science Logic and Philosophical System

João Alberto Wohlfart¹

Resumo: O artigo aborda a questão das relações entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real como um processo global e sistemático de exposição. A primeira esfera do sistema filosófico não corresponde com uma razão absoluta da qual são deduzidas esferas contingentes e finitas, mas a *Ciência da Lógica* é inseparável da fundamentação universal que coloca as partes do sistema num desenvolvimento cíclico de mediações múltiplas. Do ponto de vista metódico, procura evidenciar a estrutura do sistema hegeliano nos multiformes sentidos de horizontalidade, verticalidade e circularidade como conseqüências da força impulsionadora do método. Um dos desdobramentos da conjugação metódica de *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real é a identificação hegeliana entre filosofia e história da filosofia na constituição histórica da filosofia, através dos diferentes modelos de sistemas filosóficos que se sucederam ao longo do tempo.

Palavras-chave: Hegel. *Ciência da Lógica*. Filosofia do Real. Sistema. Método.

Abstract: The present issue main is the question between the relationship of *Science of Logic* and the real Philosophy as a global philosophic and systematic exposition. The first sphere of the philosophic system doesn't belong within the absolute reason which are deduced sphere contingents and finite, but the *Science of Logic* its inseparable of the universal grounds which set the parts of the systems in a cyclic development of multiplies mediations. From methodic point of view, tries to evidence the structure of Hegelian system in many seeing senses of the horizontality, verticality and circularity as consequences of the impulsive strength from the method. One of the methodic deployment conjugation of *Science and Logic* and the real philosophic is the Hegelian identification between philosophy and history of the philosophy through different modal philosophic systems that happened in the past time due.

Keywords: Hegel. *Science of Logic*. Real Philosophy. System. Method.

Introdução

No ano da comemoração solene dos duzentos anos da publicação da *Ciência da Lógica*, de Hegel, manifestada em múltiplos escritos, formas diferenciadas de interpretação, seminários e congressos, o artigo que segue procura apontar alguns indicativos de leitura da obra hegeliana na perspectiva da relação entre ela e a sistemática da Filosofia do Real. Uma das questões mais controvertidas e polêmicas legadas pelo filósofo Hegel é, sem sombra de dúvida, a das relações entre a *Ciência da Lógica* e as esferas da Filosofia do Real constituídas pela *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito*. Este problema não compreende apenas questões

¹ Professor titular de Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE), de Passo Fundo, e da Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE), de Marau, RS. E-mail: joao@fabemarau.edu.br.

macrossistemáticas e macroestruturais intrínsecas ao sistema filosófico, mas diz respeito à estrutura e funções da *Ciência da Lógica* na condição de círculo específico do sistema.

O texto não tem a preocupação de abordar questões restritas à *Ciência da Lógica*, mas explicitar as relações fundamentais entre ela e as determinações da Filosofia do Real na perspectiva de uma exposição simétrica global. O artigo se posicionará contrário a uma possível leitura da obra hegeliana em questão como uma pura lógica, em relação à qual as diversas configurações do real seriam rebaixadas na condição de instâncias empíricas desprovidas de racionalidade e autodeterminação. O artigo expõe uma tentativa de leitura da síntese entre a forma racional da *Ciência da Lógica* e o conteúdo empírico da sistemática do real, entre método do sistema, entre a estrutura da razão teórica e a estrutura da razão prática, pulsão na qual a primeira parte é estendida ao sistema filosófico como um todo na perspectiva do autodesenvolvimento racional do real. As relações entre a estrutura racional da *Ciência da Lógica* e a sistemática da Filosofia do Real caracterizam uma interpenetração na qual a primeira constitui a inteligibilidade intrínseca e a segunda constitui a estrutura efetiva do real, totalizadas no autodesenvolvimento global do sistema.

O artigo destaca os diferentes níveis de relações entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real no sentido estruturante de exposição segundo a *Lógica do ser*, a *Lógica da essência* e a *Lógica do conceito*, os três livros da obra hegeliana em questão. Na abordagem global de fundamentação do Sistema Filosófico constituído pelas esferas da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito*, serão destacadas as formas estruturantes nas imagens geométricas da horizontalidade, da verticalidade e da circularidade configuradas em múltiplos movimentos de desenvolvimento intrínsecos ao sistema global. Com essas indicações preliminares, a *Ciência da Lógica* somente será adequadamente compreensível nos movimentos interesféricos mais amplos nos quais ela se constitui como uma parte do sistema e como um todo que retorna reflexivamente sobre si mesmo. O problema da conjugação entre *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real será consolidado na inserção da questão da concepção hegeliana de História Filosófica, quando os movimentos de passagem da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza* e desta para a *Filosofia do Espírito* caracteriza a sistematização de movimentos estruturantes da grande História da Filosofia.

1. Método e Sistema Filosófico

Para uma compreensão adequada das relações entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real na constituição da unidade e da diferença no interior do sistema, o capítulo final da obra intitulado por Hegel “Ideia absoluta” é um texto de referencial importância. Este texto, além de recuperar todas as estruturas conceituais expostas ao longo da obra, desdobra a *Ciência da Lógica* nas esferas do sistema de *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito* e expõe dinamicamente este conjunto na coextensividade de método, estrutura e sistema filosófico. Na confluência global entre *Ciência da Lógica* e as outras esferas do real, o método significa o supremo impulso racional que põe o sistema filosófico em movimento de auto-organização numa forma de desdobramento que parte do interior e se estende para a sucessão dos múltiplos círculos que compõem a estrutura global. A estrutura compõe a organização interna

do sistema nas sucessivas trilogias de tese, antítese e síntese, na mediação da triadicidade com um quarto elemento, nos diferentes graus de efetivação da razão e nas múltiplas formas de correspondência entre as categorias e estruturas categoriais da *Ciência da Lógica* e as estruturas efetivas da Filosofia do Real. O sistema diz respeito à configuração global do modelo hegeliano integrado por múltiplos círculos que, mutuamente mediatizados, constituem um único sistema em auto-organização e em autodesenvolvimento.

A dinamização das relações entre a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* pode ser analisada a partir de vários pontos de vista. A composição interna da primeira esfera em *Lógica do ser*, em *Lógica da essência* e em *Lógica do conceito* constitui o enfoque categorial a partir do qual as relações globais interesféricas são constituídas. A *Lógica do ser* representa um referencial de formulação das relações, especialmente na consideração de suas categorias abstratas, autônomas, isoladas e não relacionadas. Por isso, se o sistema hegeliano é lido sob a ótica do ser, a Lógica, a Natureza e o Espírito constituem universos separados, acidentalmente relacionados e sistemas autônomos. Na pior das hipóteses, quando o sistema é lido a partir do viés das categorias do ser, é possível estabelecer uma disjunção entre a *Ciência da Lógica* e as esferas da Filosofia do Real como duas estruturas separadas sem relações sistemáticas.

A *Lógica da essência* proporciona a formulação da leitura da problemática e a consequente construção de outra estrutura sistemática para a organização das três esferas do sistema. Composta por trilogias dialéticas como essência, aparência e efetividade; identidade, diferença e fundamento; relação de substancialidade, causalidade e ação recíproca, o sistema de relação absoluta como resultado da *Lógica da essência* já proporciona outro grau de qualificação para a constituição global do sistema. Como é sabido, o principal resultado da essência é a categórica relação resultante da combinação entre essência e aparência, substancialidade e acidentalidade, necessidade e contingência, e transpõe os conceitos clássicos de essência e substância num sistema articulado de relações. Estes conceitos são transformados numa estrutura global internamente constituída por uma teia complexa de relações e numa transversalização de combinações, segundo as quais cada ponto é atravessado por múltiplos sentidos de movimentos. Na constituição da *Lógica da essência*, como um procedimento de dissolução de coisas fixas, nenhum ponto da estrutura subsiste autonomamente, mas é constituído na inter-relação entre as partes e com o todo. Assim, numa leitura do sistema filosófico como um todo a partir da estrutura da essência, os círculos da Lógica, da Natureza e do Espírito são, respectivamente, partes de um todo maior. Em conformidade com as relações de substancialidade, de causalidade e de ação recíproca, as determinações do sistema estão mutuamente relacionadas entre si e relacionadas com o todo como expressões suas. Talvez, segundo sugestão da imagem da teia de relações como uma simbolização global e estruturante da *Lógica da essência*, a incompletude e indeterminação das partes são completadas por um sistema de relações multilaterais.

Sem abandonar as principais conquistas da *Lógica da essência*, o livro da *Lógica do conceito* completa o dinamismo estruturante da essência, suprassumindo a relação de substancialidade na universalidade do conceito, a relação de causalidade na particularidade do

conceito e a ação recíproca na singularidade do conceito. A passagem da essência no conceito significa o caminho mais duro e mais difícil correspondente à passagem da necessidade na autodeterminação da liberdade a partir da qual o conjunto da filosofia hegeliana pode ser lido como sistema de liberdade. Hegel define assim o conceito:

O conceito é o livre, enquanto potência substancial essente para si, e é totalidade, enquanto cada um dos momentos é o todo que ele é, e é posto como ele como unidade inseparável; assim, na sua identidade consigo, o conceito é determinado em si e para si (HEGEL, 1995, § 160).

A subjetividade do conceito é estruturada pela triadicidade das categorias de universalidade, particularidade e singularidade e conjuntamente articulada na lógica da particularização do universal e da universalização concreta da particularidade, num movimento sistemático, no qual todas mediatizam todas. No movimento da *Lógica do conceito*, as determinações internas não são apenas partes completadas pela inter-relacionalidade do todo, mas cada conceito é em si mesmo a totalidade do conceito. As categorias de universalidade, particularidade e singularidade, cada qual contém intrinsecamente as outras, são mediatizadas pelas outras, transformam-se nas outras e voltam a si mesmas a partir das outras. A dimensão da subjetividade do conceito, ampliada na objetividade e na Ideia, é uma figuração lógica da inseparabilidade entre o universal e o particular, a forma e o conteúdo, a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real. Sobre o método Hegel escreve:

Esta ampliação pode considerar-se como o momento do conteúdo, e, em seu conjunto, como a primeira premissa: o universal se comunicou à abundância do conteúdo, e conservado diretamente neste. Mas a relação tem também o seu segundo lado, o negativo ou dialético. O enriquecimento progride na necessidade do conceito, está contido por este, e cada determinação é uma reflexão sobre si. Cada novo grau de saída de si de uma ulterior determinação, é também um adentrar em si, e a maior extensão é igualmente maior intensidade. Por conseguinte, o mais rico é o mais concreto e mais subjetivo, e o que se retira à profundidade mais simples, é o mais poderoso e o mais abrangente (HEGEL II, 1993, p. 251).

O método é sinteticamente composto pela subjetividade do conceito, do juízo e do silogismo e pela objetividade do mecanismo, do quimismo e da teleologia conjugadas na síntese em que a subjetividade e a objetividade não são mais polos contrapostos de uma dualidade epistemológica, mas conciliados na unidade da mesma realidade. Para Hegel, método não significa uma racionalidade inteligível extrinsecamente aplicada a uma materialidade inerte e carente de reflexividade, mas significa a inteligibilidade e racionalidade do conteúdo em autodesenvolvimento e autossistematização estruturante. Neste dinamismo, a subjetividade caracteriza a interioridade e reflexividade do conteúdo e a objetividade caracteriza a estrutura complexa e efetiva do sistema do método. O sistema hegeliano, articulado a partir da estrutura do método, não caracteriza um modelo dualista entre subjetividade e objetividade, como, igualmente, não caracteriza um modelo monista em que a forma e o conteúdo são dissolvidos numa identidade pura, mas constituem instâncias em constante interação, sucessão e complexificação. Para Hegel, quanto mais ampla a estrutura objetiva do sistema, mais profunda será a intensidade e reflexividade subjetiva, pois em cada círculo de ampliação e de autodesenvolvimento qualitativo, o sistema retorna à interioridade numa reflexividade correspondente à efetividade material da exterioridade. Neste sentido, o método é constituído na sistemática de autodeterminação do conteúdo no formato de ondas concêntricas que

estendem sucessivamente a abrangência da universalidade circular. Neste movimento de autodeterminação, uma onda concêntrica circular ocupa o lugar da outra que ocupa o lugar da onda subsequente. No sistema da Ideia absoluta, uma onda circular corresponde à objetividade exteriorizada a partir da interioridade reflexiva do método, e a onda seguinte corresponde à subjetividade interiorizada, duas dimensões em simultânea identificação e diferenciação.

2. Ciência da Lógica e Sistema Filosófico

A concepção hegeliana de método torna-se mais clara quando ampliada na perspectiva das relações entre a *Ciência da Lógica* e as outras partes do sistema filosófico. Na visualização do sistema filosófico completam-se a noção dual de Lógica e Filosofia do Real, a noção triádica de Lógica, Natureza e Espírito e a noção quaternária de Ideia filosófica como uma dimensão transesférica integradora dos círculos da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito*. Os círculos do método acima indicados caracterizam o desenvolvimento circular de inter-relacionalidade global que envolve todas as determinações do sistema. De forma imediata, a subjetividade pode ser atribuída à *Ciência da Lógica* e a objetividade pode ser atribuída às esferas da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito* como as suas expressões. No processo global de fundamentação do sistema, as esferas da Filosofia do Real são exteriorizações que caracterizam a objetividade da subjetividade e inteligibilidade da *Lógica*, enquanto esta assume a função de subjetividade da objetividade. As dimensões epistemológicas correlacionadas ao sistema não constituem apenas partes constitutivamente relacionadas entre si, mas cada qual contém, intrinsecamente, as polaridades de subjetividade e de objetividade. Assim, a *Ciência da Lógica* compreende a subjetividade em função da inteligibilidade lógica e a objetividade em função das mais variadas facetas ontológicas que se desenvolvem ao longo da exposição; enquanto a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* compreendem a objetividade como graus diferenciados de efetivação real e a subjetividade como racionalidade filosófica que desenvolvem internamente. Sobre o movimento de estruturação do sistema filosófico, Hegel apresenta um parágrafo de extrema densidade filosófica:

Cada uma das partes da filosofia é um Todo filosófico, um círculo que se fecha sobre si mesmo; mas a ideia filosófica está ali em uma particular determinidade ou elemento. O círculo singular, por ser em si totalidade, rompe também a barreira de seu elemento e funda uma esfera ulterior. Por conseguinte, o todo se apresenta como um círculo de círculos, cada um dos quais é um momento necessário, de modo que o sistema de seus elementos próprios constitui a ideia completa, que igualmente aparece em cada elemento singular (HEGEL, 1995, § 15).

Vários são os elementos estruturantes deste parágrafo da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. As partes já citadas de *Ciência da Lógica*, de *Filosofia da Natureza* e de *Filosofia do Espírito* são totalidades filosóficas regionais autônomas que efetivam a autocircularidade nelas mesmas e se abrem dialeticamente às outras partes caracterizadas como círculos filosóficos. Conforme a formulação do parágrafo, a estrutura do sistema filosófico é constituída por esferas coextensivamente autônomas, inter-relacionadas e perpassadas transversalmente pela Ideia filosófica universal em relação à qual os círculos são determinações particulares. O parágrafo apresenta a lógica interna do sistema caracterizada pela dinâmica de complexificação das estruturas, de universalização concreta e de ampliação sistemática das esferas que procedem

umas das outras e se diferenciam simultaneamente. Assim, o primeiro círculo que se completa em si mesmo é o da *Ciência da Lógica* que aparece como instância mais abstrata universalizada na esfera mais ampla e mais concreta da *Filosofia da Natureza* como exteriorização da Ideia no seu ser outro. Nesta primeira forma de abertura, apresenta-se uma espécie de oposição entre a idealidade e significatividade do primeiro círculo e a empiricidade do segundo círculo supressumida na síntese do círculo da *Filosofia do Espírito* na concretude histórica da liberdade e na sua correspondente inteligibilidade. A sucessiva ampliação e complexificação enquanto autossistematização do sistema se justifica pela constituição da sistemática da Natureza que incorpora para dentro de si a idealidade lógica correspondente ao seu grau de efetividade. A passagem da *Filosofia da Natureza* à *Filosofia do Espírito* registra outra significativa ampliação quando se consolida o processo de autodesenvolvimento e autodeterminação do real e de efetiva síntese dialética entre logicidade e realidade.

O texto hegeliano expõe dois caminhos de fundamentação inerentes ao sistema de totalidades particulares. Em função do processo de desenvolvimento interesférico, o primeiro é o de sucessiva ampliação e universalização concreta que resulta na constituição da universalidade mais ampla do círculo dos círculos. O segundo caminho de fundamentação, complementar ao primeiro, é o do retorno do círculo dos círculos que reaparece em cada totalidade particular na condição de determinação interna da universalidade máxima. O círculo dos círculos é resultado da interpenetração e inter-relação das esferas particulares, transcende as limitações determinadas dos diferentes componentes e transforma as esferas da Lógica, da Natureza e do Espírito em instâncias diferenciadas da Ideia filosófica. Desta forma, o sistema hegeliano é estruturado pela permanente tensão entre a ampliação sistemática e o retorno às determinações particulares. Nesta articulação, há uma distribuição equilibrada entre a totalização e a particularização, pois cada esfera, enquanto distinta das outras, caracteriza-se como parte, mas enquanto inter-relacionada com as outras, compreende em si mesma a totalidade do sistema e se configura como um todo. Do ponto de vista lógico, a passagem da *Ciência da Lógica* para a *Filosofia da Natureza* e para a *Filosofia do Espírito* é um processo de universalização e de ampliação. Por outro lado, como a *Ciência da Lógica* reaparece numa outra configuração, esta dupla passagem também pode ser compreendida como uma particularização por caracterizar um processo de efetivação em diferentes instâncias do real.

O movimento global de exposição do sistema filosófico hegeliano é perpassado por três formas de representação geométrica de horizontalidade, verticalidade e circularidade constitutivas da macrossistematicidade das estruturas de mediação. Contrariamente aos modelos hierárquicos e verticais da tradição clássica, tais como os de Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes e Kant, Hegel propõe um modelo de sistema horizontal no qual as diferentes partes estão interconectadas por um fio condutor comum que perpassa todas elas. Nesta disposição preliminar, as três esferas horizontalmente constituídas em círculos parcialmente integrados em função das relações globais e parcialmente desintegradas em função da especificidade e das diferenças inerentes, podem ser estabelecidas correspondências variadas entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real, numa homologia relacional na qual as categorias conceituais de universalidade, particularidade e singularidade correlacionam-se,

respectivamente, com a *Ciência da Lógica*, com a *Filosofia da Natureza* e com a *Filosofia do Espírito* e as respectivas inter-relações globais típicas do conceito. É possível, também, estabelecer uma correspondência entre o lógico e o real estendendo a *Lógica do ser*, a *Lógica da essência* e a *Lógica do conceito* às respectivas partes internas da *Filosofia da Natureza* (mecânica, física e orgânica) e da *Filosofia do Espírito* (subjetivo, objetivo e absoluto), através de uma estrutura racional comum distribuída nas diferenças das regiões do real. Os paralelos correspondenciais podem ser estendidos na estruturação da *Lógica do conceito* em subjetividade, objetividade e Ideia e o universo da *Filosofia do Espírito* em subjetivo, objetivo e absoluto. A estruturação do *Espírito Absoluto* em arte, religião e filosofia tem relação direta com os passos da epistemologia hegeliana formados pela abstração, pelo entendimento e pelo especulativo. As correlações aqui elencadas, dentre as múltiplas outras possíveis, caracterizam a macrosistematicidade de relações intercategoriais (entre categorias lógicas e categorias do real), de relações inter-regionais (entre estruturas categoriais distribuídas nas diferentes esferas do sistema) e de relações interesféricas (entre as diferentes partes do sistema).

A horizontalidade, dado o caminho de complexificação na sucessão de círculos simples para estruturas mais amplas e concretas, já compreende a figura geométrica do sentido da verticalidade. Não se trata, evidentemente, da justaposição vertical de patamares mais perfeitos irredutivelmente superiores aos outros, mas de uma progressividade interna na qual a indeterminação e abstração de uma esfera do sistema é suprasumida por outra mais sintética e propriamente universal. Assim, a consideração de uma determinação do espírito, por exemplo, suprasume as unilateralidades e abstrações presentes nos níveis anteriores e integra, na atualidade sistemática do presente, o fluxo de desenvolvimento metódico anterior. Dessa forma, o primeiro ponto angular do sistema é a passagem da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza*, da racionalidade para a materialidade, da eternidade na temporalidade. Não se trata do outro da razão, mas da *Lógica* no seu ser outro, da tradução da razão no sistema da natureza, da passagem da lógica da *Ciência da Lógica* na lógica da *Filosofia da Natureza*. A primeira passagem constitutiva e estruturante do sistema filosófico compreende o paradoxo entre a divisibilidade na qual a logicidade se determina na materialidade e a indivisibilidade na qual a *Ciência da Lógica* expressa a sua plena inteligibilidade e capacidade de determinação. A autodiferenciação do sistema da razão no sistema da materialidade e empiricidade natural restabelece para a primeira esfera do sistema filosófico a capacidade de efetivação em outras esferas e dá à *Ciência da Lógica* outra condição racional. Mas a passagem da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza* não permite a atribuição de qualificações racionais opostas, identificando aquela com a eternidade e esta com a temporalidade, aquela com a universalidade e esta como a particularidade, aquela com a imaterialidade e esta com a materialidade empírica. Hegel escreve: “a eternidade não é antes nem depois do tempo, não antes da criação do mundo nem quando ele se acaba; mas a eternidade é presente absoluto, o agora sem antes nem depois. O mundo é criado, vem a ser criado agora e eternamente foi criado” (HEGEL, 1995, § 247). Entre a primeira e a segunda esfera do sistema não há uma Ideia eterna e absoluta que cria incondicionalmente um mundo finito e mutável, numa dinâmica correspondente à passagem da absolutividade na finitude e relatividade, mas entre as duas esferas há em comum a eterna

autoatividade que traduz na atualidade do presente as estruturas lógicas e naturais anteriores. Sobre o segundo ponto angular Hegel escreve:

Aqui a atividade do eu consiste em preencher o vazio de sua subjetividade abstrata, em formar dentro de si o objetivo; e, ao contrário, em tornar objetivo o subjetivo. Assim fazendo, a consciência-de-si suprassume a unilateralidade de sua subjetividade, e a partir de sua particularidade, de sua oposição ao objeto, chega à universalidade que abarca os dois lados, e apresenta em si a unidade de si mesma com a consciência. Com efeito, o conteúdo do espírito se torna aqui um conteúdo objetivo, como na consciência; e, ao mesmo tempo, um conteúdo subjetivo, como na consciência-de-si (HEGEL, 1995, § 387).

O texto é de significativa densidade. A antropologia hegeliana tem como elemento articulador a inseparabilidade entre o homem e a realidade, entre a subjetividade da autoconsciência e a objetividade da natureza. Mesmo com componentes claramente epistemológicos, mas radicados na antropologia hegeliana, a subjetividade da consciência é inseparável da objetividade natural. Desta forma, a subjetividade e a objetividade separadas como autônomas, as restringe à mera particularidade abstrata. A liberdade do eu como autodeterminação supera a universalidade unilateral e abstrata ao interiorizar a objetividade como dimensão constitutiva da subjetividade. O objetivo é formado quando é subjetivamente interiorizado pela subjetividade na condição objetividade na subjetividade e nas suas determinações racionais. Por outro lado, a subjetividade comunica a sua interioridade e liberdade à estrutura da objetividade e a transforma da condição de objetividade material e empírica em objetividade significada e racional. Numa compreensão mais simples, no ato de superação da unilateralidade e particularidade dos dois lados, a subjetividade comunica ao real a sua subjetividade e o transforma em universo subjetivo, enquanto a objetividade penetra na subjetividade quando é objetivada no seu horizonte conceitual. Desta forma, na antropologia em que as dimensões subjetiva e objetiva estão mutuamente integradas, a universalidade não é constituída a partir da relação de duas particularidades, mas forma a universalidade em ambas. Na autodeterminação da liberdade, as dimensões da subjetividade e da objetividade, cada uma contém a outra e constitui-se a universalidade. Nesta configuração, as dimensões da subjetividade e da objetividade integram, cada qual, a si mesma e a outra. Na relação da Natureza com a subjetividade individual, essa significa e simboliza aquela e a transpõe na forma da subjetividade e a subjetividade se transforma na forma da racionalidade objetiva.

Dentro do processo dialético de ascensionalidade qualitativa, o seguinte ponto angular é a passagem do espírito subjetivo no espírito objetivo, correspondente à progressão dialética da subjetividade na intersubjetividade. Uma das marcas importantes do pensamento hegeliano é a superação da moderna filosofia da subjetividade através da decisiva proposta de sua ampliação na sociabilidade e na Filosofia da História. No interior da *Filosofia do Direito*, a superação da moralidade subjetiva concentrada no critério da autoconsciência subjetiva e das decisões pessoais e a fundamentação da teoria da eticidade das instituições sociais caracteriza uma progressividade angular no processo global de estruturação e dinamização do sistema filosófico. Trata-se da passagem da subjetividade individual para o campo das relações comunitárias, intercomunitárias, interinstitucionais e culturais de uma determinada época. Entre a Filosofia da História e a *Filosofia do Direito*, diferenciadas na progressividade histórica daquela e na progressividade sistemática e dialética das determinações desta, a dimensão

especulativa da estrutura do espírito objetivo é realizada a partir de círculos diferenciados de intersubjetividade nos quais o Eu e o Nós se interpenetram e se constituem na reciprocidade. Na esfera da eticidade hegeliana, o eu da subjetividade pessoal amplia-se e se desdobra em diferentes círculos concêntricos de instâncias comunitárias, no Estado, na História universal e na totalidade do sistema como círculos de autodiferenciação e autofundamentação da subjetividade. Por outro lado, a subjetividade pessoal é resultante da singularização das diferentes esferas constitutivas sistematicamente concentradas na estrutura do sujeito, que se transforma numa síntese e num ponto de passagem de múltiplas formas de intencionalidade, tais como a Lógica e a Natureza, a matéria e o espírito, o universal e o particular. Da síntese entre a singularização do universal e a universalização do singular resulta um sistema complexo e multipolar de eticidade, no qual a multiplicidade de subjetividades se interpenetram num amplo sistema de intersubjetividade, onde todos os sujeitos se relacionam com todos, todos com um e um com todos. Hegel caracteriza a passagem do espírito objetivo no Espírito absoluto nestes termos, como o quarto ponto angular do sistema:

A Filosofia considera o Absoluto primeiro como Ideia lógica, Ideia, como é no pensamento, como seu conteúdo mesmo é nas determinações do pensamento. Mais adiante se mostra o Absoluto em sua atividade, em seu avançar; e este é o caminho do Absoluto, no seu ser para si, para o Espírito, e Deus é o resultado da Filosofia, que como tal é reconhecido, que não apenas é resultado, mas que eternamente avança. A unilateralidade do resultado é suprasumido no resultado (HEGEL, 1993, p. 37).

No ponto angular seguinte adentramos na imagem geométrica da circularidade indicada no parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Nesta instância, a circularidade aparece como síntese entre as imagens anteriores da horizontalidade e da verticalidade nas relações intraesféricas, interesféricas e globalmente transversais. Assim, as relações intraesféricas caracterizam o curso completo de cada esfera do sistema em si mesmo, por exemplo, a *Ciência da Lógica* fundamenta a circularidade interna na progressividade entre a *Lógica do ser*, a *Lógica da essência* e a *Lógica do conceito* na determinação final da Ideia absoluta. A *Filosofia da Natureza* estabelece o seu giro interno através da evolução entre a mecânica, a física e a orgânica no resultado final da dialética entre os gêneros e as espécies. A *Filosofia do Espírito* desenvolve a sua circularidade própria na evolução interna entre o espírito subjetivo, o espírito objetivo e o espírito absoluto na síntese final da Ideia filosófica que retorna a todas as esferas. A autocircularidade e autodeterminação própria dos movimentos internos de cada círculo são completadas com a intercircularidade da progressão interesférica quando a especificidade do movimento e a inter-relacionalidade global são diretamente interdependentes e mutuamente condicionadas. Neste patamar sistemático global, a circulação completa de cada esfera em si mesma compreende a sua ação nas outras que completam o seu giro através daquela que é, ao mesmo tempo, determinada pela sua determinação em outras esferas. A interesfericidade da progressão relacional é concretizada, por exemplo, na autocircularidade da *Ciência da Lógica* que reaparece com a sua estrutura racional e inteligível nas esferas da Natureza e do Espírito. A *Filosofia da Natureza*, ao consolidar a autodeterminação circular, evolui para a *Filosofia do Espírito*, onde é transfigurada na denominação hegeliana de segunda natureza, ou a efetividade da estrutura social. Na ordem da progressão sistemática global, a última esfera estabelece relações

interesféricas ao retornar às esferas anteriores como determinações propriamente espirituais. Da combinação entre a circularidade intraesférica e o desenvolvimento interesférico resulta, não apenas como estrutura do sistema hegeliano a sua organização em esferas diferenciadas, mas cada esfera interioriza, em si mesma, a si mesma e as outras, é igual a si mesma e diferente de si. A transversalidade global acima referida caracteriza cada esfera particular como a totalidade do sistema filosófico na configuração da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito*, a totalidade na forma do sistema de pensamento, a totalidade na forma da natureza e na forma do espírito. Assim, na esfera geométrica do círculo dos círculos, não há uma evolução meramente linear como Hegel expõe na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, mas um autodesenvolvimento cíclico multidimensional de totalização segundo o qual todas as esferas e todo o sistema filosófico se concentram numa esfera particular; e um multidimensional desenvolvimento de totalização no qual cada círculo particular se estende pelos outros e através deles.

A concepção hegeliana de Espírito absoluto, contrariamente ao senso comum filosófico que jamais compreendeu Hegel, não é uma esfera teórica afastada da contingencialidade histórica, mas é a instância integradora da logicidade e da historicidade, da finitude e da infinitude, da absolutividade e da relatividade. A marca registrada do Espírito absoluto é uma ressystematização e reestruturação do sistema filosófico imediatamente conhecido na formulação exposta na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* na ordem sistemática da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito*. Numa primeira aproximação, o Espírito absoluto não é uma esfera sobreposta às determinações anteriores, mas estende retroativamente o círculo integrador, estabelece outras estruturas de mediação e de seqüência das esferas e identifica a dialética e o resultado. A dialética não é apenas um meio para alcançar a plenitude de realização do Espírito absoluto que descansaria na paz perpétua e na imobilidade espiritual, mas caracteriza o eterno movimento e autodeterminação global do sistema em sempre novos círculos de efetivação e de integração de suas esferas. Neste formato de efetivação, associam-se, permanentemente, a autodeterminação na constituição racional da reflexividade do sistema e a automanifestação como exteriorização das determinações racionais na forma de Filosofia do Real. Quando o pensamento hegeliano alcança a esfera do Espírito absoluto, muito mais do que paralisar o movimento dialético da filosofia e de desenvolvimento do real, consolida-se um movimento global no qual as esferas se mediatizam mutuamente em novas estruturas de exposição sistemática.

A imagem da circularidade dinamiza o sistema filosófico no formato celebrado por Hegel de círculo dos círculos. Nesta configuração, há um círculo absolutamente universal, a Ideia filosófica, que circula pelas esferas particulares na condição de uma estrutura de mediação que interliga sistematicamente estas instâncias entre si e transforma as esferas em determinações suas. Por outro lado, o círculo dos círculos também é constituído a partir da mediação e interpenetração universal das diferenças de cuja intersubjetividade global resulta o círculo maior. Na imagem da circularidade, conforme exposto acima, os círculos da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito* circulam em si mesmos na situação da autocircularidade; estabelecem a circulação dos outros através de seu próprio círculo; a sua

circularidade própria é estabelecida a partir da capacidade própria da circulação das outras. Neste dinamismo incessante, todas as esferas não apenas completam o seu próprio ciclo e se completam na inter-relacionalidade global, mas todas circulam e se estendem a todas e estabelecem a passagem da condição de totalidade parcial para totalidade total. Quando o sistema filosófico é configurado a partir deste patamar de efetivação, o todo do sistema não é meramente constituído a partir da inter-relação de círculos particulares, mas cada círculo constituirá a totalidade dos outros círculos. Sob esta perspectiva, a *Ciência da Lógica* não é apenas o sistema da razão que se diferencia dos sistemas da Natureza e do Espírito, mas é a totalidade do sistema na configuração da racionalidade e da reflexividade. A *Filosofia da Natureza* não é apenas uma parte que se destaca das outras e irreduzível às mesmas, mas a totalidade do sistema na configuração da Natureza constituída na força do desenvolvimento global. A *Filosofia do Espírito*, com muito mais propriedade e evidência, contém em seu interior as outras “partes” do sistema e as transpõe na perspectiva do desenvolvimento histórico e da organização da sociedade. Nesta perspectiva, como resultado dos dois movimentos de intencionalidade aqui expostos, a lógica de complexificação na qual se dá a universalização concreta e a lógica de particularização na qual o círculo mais amplo reaparece nas determinações particulares, resulta um modelo circular onde a totalidade dos círculos é ciclicamente disposta em movimentos globais de interação. Entre as esferas ciclicamente estruturadas constitui-se um duplo sentido de interação efetivado num sistema circular multidirecional, onde todos os círculos são atravessados por movimentos que chegam, que partem e que passam para todos os sentidos, na densidade do círculo dos círculos.

O dinamismo macrossistemático de múltiplos movimentos de interação dá ao sistema filosófico outra configuração lógica e estrutural. Não se trata mais da configuração fixa, na qual a *Ciência da Lógica* se identifica com a função conceitual da universalidade, a *Filosofia da Natureza* se identifica com a função racional da particularidade e a *Filosofia do Espírito* se identifica com a função racional da singularidade ou totalidade concreta, mas as três esferas assumem as funções lógicas de universalidade, particularidade e singularidade. Esta tridimensionalidade funcional não lhes é atribuída em iguais condições, mas em momentos diferenciados. Neste sentido, cada uma das esferas corresponde com a função lógica da universalidade porque são perpassadas por uma figuração racional e carregam uma significação racional que ultrapassa a sua estrutura material e empírica. Cada uma das esferas assume a correspondência lógica da particularidade porque são constituídas no fluxo universal de particularização e porque caracterizam instâncias particulares através das quais se distinguem das outras. Todas as esferas do sistema assumem a correspondência racional da singularidade e totalidade concreta porque exercem, respectivamente, a síntese das outras esferas e interiorizam em sua totalidade as outras esferas. A condição de totalização das múltiplas esferas está em reunir em si mesmas as figurações lógicas e conceituais de universalidade, particularidade e singularidade. Isso se evidencia nas múltiplas funções ocupadas por cada esfera num sistema de silogismo global, podendo ser postas como ponto de partida da esfera menor, como mediação que interliga o sistema como um todo e como conclusão que estabelece a síntese entre as outras e retorna a elas. Desta forma, a complexidade dinâmica do

sistema hegeliano não estabelece apenas uma inter-relacionalidade interesférica, mas uma interação entre diferentes configurações silogísticas e múltiplos sistemas de mediação.

3. Sistema Filosófico e História Filosófica

A conjugação entre sistema filosófico e história no pensamento hegeliano é uma questão difícil de ser resolvida. Se, por um lado, esta questão foi pouco estudada até o momento, ela fica mais fácil de ser abordada quando se tem como pano de fundo o dinamismo permanente do sistema hegeliano, tal como foi exposto acima. A filosofia hegeliana, diferente dos modelos legados pela tradição anterior a ele, insere-se no dinamismo da história e no fluxo dinâmico do tempo. O sistema hegeliano tem as marcas da historicidade, não apenas contemplada como uma parte estática dentro do todo filosófico, mas a História Filosófica se ramifica por todo o sistema.

Hegel faz uma leitura da tradição filosófica e reconstrói os filósofos e a trajetória da filosofia a partir da atualidade do tempo filosófico no qual se encontrava. O filósofo de Berlim não aborda individualmente os filósofos como se fossem pensadores isolados neles mesmos, mas insere os muitos sistemas filosóficos no fluxo global da História da Filosofia. Nesta perspectiva, cada sistema filosófico formulado ao longo da história é resultado de uma combinação de múltiplos fatores filosóficos e discussões anteriores, desdobrando-se na constituição posterior de múltiplas outras formas de pensamento filosófico. O conjunto da História da Filosofia constitui uma rede de pensamento, no qual cada pensador é atravessado por múltiplos outros numa teia de influências mútuas e de contextos filosóficos. A unidade dialética entre Sistema Filosófico e História Filosófica, como um dos desdobramentos fundamentais da relação entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real, consolida-se na identificação operada por Hegel entre Filosofia, História da Filosofia e Sistema Filosófico. Não existe, para o filósofo, uma filosofia pura desligada do processo histórico, mas a identificação entre Filosofia e História da Filosofia se dá no desdobramento de conceitos, de concepções filosóficas, de sistemas filosóficos e de modelos de pensamento que configuram uma tradição filosófica. A Filosofia é construída a partir de afirmações filosóficas, discussões e negações críticas e na formulação de sempre novas sínteses enquanto progressividade sistemática e conceitual. A noção de Sistema Filosófico é decorrente da evolução global do conjunto da História da Filosofia sistematizada em sínteses que contemplam a integração das principais tendências e formulações transcorridas na História da Filosofia. Hegel escreve:

Segundo esta ideia, sustento que a sucessão dos sistemas filosóficos na história é idêntica à sucessão lógica das determinações conceituais da ideia. Sustento que, despojando os conceitos fundamentais que aparecem na história da filosofia de tudo o que respeita à formação exterior da mesma, e à sua aplicação ao particular e assim por diante, se obtêm os vários graus da determinação da ideia no seu conceito lógico. Pelo reverso, tomando o processo lógico, encontra-se nele, nos seus momentos capitais, o processo dos fenômenos históricos. Mas importa saber reconhecer estes conceitos puros no que tem forma histórica. Poder-se-ia pensar que a filosofia nos graus da ideia devesse ter uma ordem diversa daquela segundo a qual tais conceitos surgiram no tempo; mas, no conjunto, a ordem é idêntica (HEGEL, 1986, p. 49).

Para Hegel, há uma única filosofia desdobrada numa sucessão de sistemas filosóficos, de paradigmas e modelos filosóficos e formas de pensamento. Para a retomada das

imagens geométricas acima esboçadas, a horizontalidade representa o fio condutor da inteligibilidade filosófica que atravessa a História da Filosofia ao redor do qual se constituem os modelos de pensamento filosófico. A verticalidade da História da Filosofia caracteriza as diferentes formas de desenvolvimento do pensamento filosófico e os diferentes níveis de qualificação de um mesmo modelo filosófico. Tal é o exemplo de progressão entre a dialética platônica, a dialética agostiniana, a dialética de Nicolau de Cusa, a dialética de Fichte e de Hegel, etc. A verticalidade contém os diferentes níveis de qualificação de um conceito, de um padrão de pensamento e de sistemas de pensamento similares elaboradas em outros formatos. A circularidade da História da Filosofia compreende a sucessão de paradigmas filosóficos no interior dos quais múltiplos pensadores de uma época se enquadram. Mas a circularidade é representada, segundo Hegel, através permanente evolução do pensamento filosófico na formulação de uma tese filosófica, uma antítese filosófica e uma síntese filosófica que fecha o círculo e abre para o desenvolvimento de posteriores círculos mais amplos e complexos. Tal é, por exemplo, o caso da contraposição antitética entre os sistemas de Platão e de Aristóteles e a síntese no pensamento de Plotino. Tal é o exemplo da contraposição entre o racionalismo, de Descartes, e o empirismo, de Locke, sintetizados na filosofia transcendental kantiana e na dialética hegeliana.

O texto hegeliano acima introduzido propõe a aproximação entre a exposição das determinações conceituais da Ideia filosófica e o desenvolvimento histórico dos sistemas filosóficos como uma qualificação da racionalidade filosófica através da construção de múltiplos modelos sistemáticos. A correspondência entre o desenvolvimento lógico e o desdobramento dos sistemas filosóficos na História da Filosofia dá-se na sucessão de modelos esboçados na trajetória histórica da filosofia, notadamente no modelo ontológico do ser nos pensadores antigos e medievais e a sua respectiva inversão no modelo da subjetividade moderna quando o pensamento mergulha na sua interioridade reflexiva e constitui o mundo a partir da racionalidade. A progressão da exposição dos sistemas filosóficos segue na síntese do Idealismo Alemão de Fichte, de Schelling e de Hegel quando a ontologia grega e medieval e a formalidade da subjetividade moderna são conciliadas numa sucessão de sistemas cuja característica comum é a coextensividade entre a reflexividade da razão e a estrutura do real em evolução e sistematização. Na formulação hegeliana, a História da Filosofia evolui em forma de círculos concêntricos dinâmicos, nos quais o centro e a periferia não se opõem na forma de essência e aparência, mas na ampliação de cada círculo concentra-se a plenitude da reflexividade lógica e a evolução da sistemática do real. Neste formato de exposição do sistema filosófico, o último círculo é ocupado por obras filosóficas importantes referentes à Doutrina da Ciência, de Fichte, à Filosofia da Identidade, de Schelling, e pelas obras mais sistemáticas da filosofia hegeliana como a *Ciência da Lógica* e a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Na conciliação hegeliana entre Sistema Filosófico e História Filosófica, as formas sistemáticas elaboradas no período grego e medieval, por exemplo, não ficam cristalizadas como relíquias do passado, mas são reintegradas na atualidade do presente filosófico. Em cada círculo filosófico desenvolvido pela História da Filosofia, a sua atualidade lhe é conferida porque conduz no próprio fluxo de evolução formas de pensamento de outras épocas reconduzidas à atualidade do presente que

congrega a síntese da reflexividade racional e da sistematicidade da construção do pensamento e da Filosofia do Real.

O sistema hegeliano, estruturado pela *Ciência da Lógica*, pela *Filosofia da Natureza* e pela *Filosofia do Espírito*, caracteriza uma síntese viva entre as exigências sistemáticas do pensamento e a sua evolução histórica como História da Filosofia. Numa primeira aproximação, a ascensionalidade qualitativa da ampliação sistemática entre a *Ciência da Lógica* e a respectiva complexificação na *Filosofia da Natureza* e na *Filosofia do Espírito* é um movimento comparável à subida grega das almas presas no mundo sensível e que ascendem à inteligibilidade e idealidade das ideias. Esta forma pela qual Hegel integra o pensamento grego ao seu sistema, particularmente no momento da maturidade em Platão e Aristóteles, não caracteriza uma separação entre o mundo ideal e o mundo material polarizados em extremos opostos, mas a ascensionalidade sistemática proposta por Hegel caracteriza um caminho metódico de desdobramento simultaneamente racional e real. Mas, o sistema hegeliano é estruturado por outro movimento intrínseco à História da Filosofia, configurado na passagem do espírito objetivo no Espírito absoluto enquanto recondução do sistema filosófico à interioridade da reflexividade racional, correspondente ao retorno da Filosofia Moderna à subjetividade e ao conhecimento. É o caminho de descensionalidade consolidado na passagem da Filosofia do Real para a interioridade do pensamento e da reflexão. Quando está confirmado este processo, a configuração do sistema hegeliano será decididamente circular, interesférico e intersubjetivo, na constituição de movimentos circulares integradores das esferas filosóficas quando os sucessivos movimentos de mediação abrem o sistema filosófico para novos patamares de efetivação e para novas esferas de desenvolvimento qualitativo.

A relação do Sistema Filosófico hegeliano com a História da Filosofia como um todo pode ser representada com uma linha horizontal ocupada pelas determinações internas do ser, da essência e do conceito. Esta horizontalidade apresenta certa homologia entre as três partes da *Ciência da Lógica* e o fio condutor da História da Filosofia na sua trajetória entre os pré-socráticos até o Idealismo Alemão e Hegel. A linha vertical é ocupada pelas determinações da Filosofia do Real de Filosofia da Natureza, espírito subjetivo, espírito objetivo e Espírito absoluto dispostas na forma da ascensionalidade qualitativa. As obras filosóficas estruturantes da História da Filosofia podem ser distribuídas neste esquema no qual se localizam entre um nível de inteligibilidade conceitual representado pela *Ciência da Lógica* e uma instância de efetividade representada pelas determinações do real. Para citar apenas um exemplo, o sistema de Espinosa situa-se na linha da horizontalidade na *Lógica da essência* e, na linha da verticalidade, na *Filosofia da Natureza*. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* situa-se entre a determinação lógica do conceito e nas determinações do real entre a objetividade e a absoluticidade na síntese entre horizontalidade e verticalidade, entre figurações lógicas e determinações da Filosofia do Real. Esta instância é completada por obras hegelianas como a *Ciência da Lógica*, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, as Lições sobre a História da Filosofia e a Filosofia da Religião que, conjuntamente, proporcionam a estrutura de um sistema filosófico circular e aberto no autodesenvolvimento inteligível do real e na mediação sistemática de várias esferas filosóficas. A assimetria clássica entre racionalidade e realidade é transformada por Hegel na relação

simétrica que permite esboçar o desenvolvimento global e integrador de estruturas clássicas verticalmente justapostas.

Considerações finais

O artigo procurou sistematizar as relações entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real como uma totalidade inseparável e indissociável. Dentre as múltiplas alternativas possíveis, como, por exemplo, uma simples aplicação de estruturas racionais da primeira para as instâncias do real; uma extensão da *Ciência da Lógica* na Filosofia do Real, permanecendo a primeira como fundamento primeiro das instâncias do real compreendidas como posteriores e acrescentadas; e um desenvolvimento racional do real que concilia racionalidade e efetividade, método e sistema, estendendo-se a Lógica por todo o sistema e o sistema configura-se na reflexividade do pensamento. Na exposição do artigo optamos pela terceira alternativa.

No ano solene de comemoração dos duzentos anos de publicação da *Ciência da Lógica*, apesar da montanhosa bibliografia que já se acumula sobre esta obra, ela ainda merece estudos e apresenta questões que nos desafiam em nossos tempos. A sua leitura e compreensão está condicionada à identificação de inúmeros componentes filosóficos provenientes de várias tradições, concepções e áreas do saber. Encontramos nela, além das funções filosóficas de lógica, ontologia, epistemologia, teologia especulativa e componentes científicos típicos da época de Hegel, uma complexa estrutura argumentativa que desafia qualquer leitor. Uma leitura da obra deve ser capaz de identificar a sistemática de construção dos livros da *Lógica do ser*, da *Lógica da essência* e da *Lógica do conceito*, o desenvolvimento global entre estas diferentes regiões categoriais e a crítica de Hegel aos seus antecedentes imediatos Kant, Fichte e Schelling.

O artigo procurou desenvolver, de forma sintética e breve, a complexa questão das relações entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real nas formas da horizontalidade, da verticalidade e da circularidade. Os duzentos anos de publicação não a cristalizaram como uma peça do passado ultrapassada pelo tempo, mas a comemoração da obra evidencia a sua plena atualidade. A contribuição do texto apresentado tentou evidenciar que a *Ciência da Lógica* é mais facilmente compreendida quando integrada no conjunto do sistema filosófico como parte de um desenvolvimento global. O sistema filosófico em sua totalidade inclui a esfera da *Lógica* como um componente que é articulado e significado na perspectiva do todo, tal como a *Filosofia do Espírito* dispõe da *Ciência da Lógica* como a sua expressão interna. Por outro lado, a *Ciência da Lógica* também é um todo filosófico na medida em que convergem em sua inteligibilidade racional as outras esferas do todo.

Referências bibliográficas

- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.
- HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. 3 v.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*. Der Begriff der Religion. Hamburg: Felix Meiner, 1993.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b. 2 b.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Hamburg: Felix Meiner, 1999a. 2 b.